

O contrato celebrado em 23 de julho de 1909 entre Thomas James Cobden-Sanderson, residente em 15 Upper Mall Hammersmith, no município de Londres, e Emery Walker, residente em 7 Hammersmith Terrace, no supracitado município de Londres, atesta os termos a seguir:

- 1. A sociedade anteriormente existente entre os supracitados Thomas James Cobden-Sanderson e Emery Walker na arte ou ofício da impressão e conduzida sob o nome de Doves Press em 1 The Terrace, Hammersmith, deve ser dissolvida e o aviso dessa dissolução e da continuidade da supracitada Doves Press pelo supracitado Thomas James Cobden-Sanderson deve ser anunciado na London Gazette, no formato já aprovado e assinado pelas partes supracitadas.*
- 2. Os supracitados Thomas James Cobden-Sanderson e Emery Walker, através deste contrato, liberam um ao outro de quaisquer ações, faturas, reivindicações e exigências com relação à supracitada sociedade.*
- 3. O supracitado Thomas James Cobden-Sanderson, por meio deste, se compromete a quitar todas as dívidas e passivos da supracitada sociedade e a indenizar o supracitado Emery Walker, seus herdeiros, executores e administradores com relação a eventuais processos, custos, reivindicações e exigências no tocante ao assunto.*
- 4. Os tipos de letra utilizados pela supracitada Doves Press, bem como as punções e matrizes relativas a estes, devem, durante a vida do supracitado Thomas James Cobden-Sanderson, continuar sob sua posse ou controle; e a ele cabe exercer seu direito vitalício de uso exclusivo, não podendo, porém, consignar ou dividir o conjunto. Após sua morte, o conjunto de tipos de letra, punções e matrizes passará a pertencer integralmente ao supracitado Emery Walker, caso ele ainda esteja vivo. Do contrário, o conjunto deverá fazer parte do espólio do supracitado Thomas James Cobden-Sanderson.*
- 5. Com exceção do item acima, todo o estoque, fundos, livros-caixa e demais ativos da supracitada Doves Press devem pertencer integralmente ao supracitado Thomas James Cobden-Sanderson.*
- 6. Nenhuma soma deve ser paga por nenhuma das partes aqui nomeadas para nenhuma outra delas com respeito à distribuição da posse da sociedade aqui estabelecida.*
- 7. Nada contido aqui dá ao supracitado Emery Walker o direito de, após a morte do supracitado Thomas James Cobden-Sanderson, utilizar o nome Doves Press como nome de qualquer outra gráfica-editora conduzida por ele; mas a ele será permitido, se assim o quiser, declarar que o citado tipo de letra é o mesmo que fora originalmente utilizado na Doves Press.*

4. Os tipos de letra utilizados pela supracitada Doves Press, bem como as punções e matrizes relativas a estes, devem, durante a vida do supracitado Thomas James Cobden-Sanderson, continuar sob sua posse ou controle; e a ele cabe exercer seu direito vitalício de uso exclusivo, não podendo, porém, consignar ou dividir o conjunto. Após sua morte, o conjunto de tipos de letra, punções e matrizes passará a pertencer integralmente ao supracitado Emery Walker, caso ele ainda esteja vivo. Do contrário, o conjunto deverá fazer parte do espólio do supracitado Thomas James Cobden-Sanderson.

NOVE MESES

1
SETEMBRO
13

2
OUTUBRO
27

3
NOVEMBRO
61

4
DEZEMBRO
79

5
JANEIRO
111

6
FEVEREIRO
117

7
MARÇO
133

8
ABRIL
143

9
MAIO
153

20 de MAIO
161

11 de dezembro de 1895

Meu amado pai morreu na sexta-feira à noite, 29 de novembro, às 11 horas. Eu e sua enfermeira estávamos junto a ele quando soltou seu último suspiro. Eu havia recebido um telegrama na encadernadora pela manhã, avisando-me que ele submergia rapidamente. Corri ao seu encontro, e tive a sorte de alcançar o trem das 10h40 para Willesden, em West Drayton. Cheguei a tempo de dar com o pobre velho ainda vivo, mas inconsciente. Era meio-dia. Sentei a seu lado, acariciei seu humilde rosto e falei com ele. Nenhum sinal. Ele parecia não sentir dor e assim atravessou o dia. Eu me mantive sozinho ali, molhando seus lábios e falando com ele. E, enquanto eu observava aquele rosto tão mudado, as memórias dos anos passados emergiam e se dissipavam. O mais triste de tudo, porém, foi a visão de seus olhos se movendo inquietos para lá e para cá sob as pálpebras encovadas, buscando, buscando pela luz que nunca mais iriam achar. Por volta das dez horas, sua respiração tornou-se mais e mais ofegante. O médico veio, logo saiu, e a enfermeira, que estivera o dia todo do lado de fora, esperando para me prestar auxílio caso eu precisasse, entrou no quarto e se postou ao pé da cama. Eu soube, então, que o fim se aproximava. A respiração, contudo, prosseguia, rápida e forte. De súbito, começou a arrefecer, tornando-se aos poucos fraca e lenta. Até que, por fim, com um pequeno arrepião, uma esticada nos membros e a contração da mandíbula, suavemente cessou; ele estava morto. Surgiu, então, a cegueira; aquela transformação que faz da morte algo tão majestoso e infinito. E o pai, que cinquenta e cinco anos atrás, naquela mesma noite, assistira ao meu próprio nascimento, deixou de existir.

*

I

SETEMBRO

Enquanto deixava Bia apertar sua mão, ele tentava entender alguma coisa do que se passava no monitor acima. Era a primeira vez que assistia a um exame de ultrassom, e logo constatou sua total incompetência para decifrar aquela imagem mais parecida a uma estranha cópia xerox se movendo ondeante. Como se não bastasse, sempre tivera dificuldade em vincular a vida, esse grande festival de sonhos, rotinas, tristezas e alegrias, a um mero fenômeno biológico. Se a angústia já o invadia frente aos mais leves sinais dessa lembrança, como quando algum infeliz lamentava “o trágico destino das pobres vaquinhas” no meio de um churrasco, imagine então agora, quando a cópia xerox mutante não apenas era uma visão dos órgãos de sua mulher, como também revelaria se alguma daquelas manchas (as pretas no fundo branco? as brancas no fundo preto?) estava destinada a crescer e se tornar seu filho.

Aquela seria a última tentativa de fertilização, já haviam combinado. Se não desse, não deu. “Não era para ser”, conforme todos à sua volta repetiam, para sua imensa irritação. Como ninguém ainda encontrou um consolo contemporâneo que substituisse o “Deus quis assim” com um pouco mais de recheio do que “não era para ser”?

Se não desse, não deu. Nunca antes haviam conseguido chegar até a etapa do ultrassom, mas, mesmo assim, passara a semana toda se preparando para as prováveis más notícias, rascunhando uma agitada programação de passeios, restaurantes e viagens para tentar distrair a mulher, que, durante anos, se entupira de hormônios e simpatias das mais diversas. Se não desse, não deu, vamos aproveitar todo o resto, meu amor! E, a cada ensaio em voz alta, tinha a nítida impressão de estar passando do ponto na animação forçada.

Seu sêmen apresentava baixa produtividade. Tinham sido as palavras exatas do doutor Fábio havia três anos, logo que abrira o envelope no qual constava o resultado de seus exames. Baixa produtividade. O médico, porém, temporizara: não havia motivo nenhum para se desesperar. Hoje em dia? Hoje em dia, isso não era problema, diante dos enormes avanços da medicina, disponíveis a quem pudesse pagar (essa última parte o doutor Fábio não verbalizou, mas a madeira reluzente dos móveis de sua ampla sala tratara de dar o recado). Clinicamente, porém, a verdade era uma só: seu sêmen apresentava baixa produtividade. Era algo para se envergonhar, não? Afinal, tratava-se do mais importante produto de um homem. Por que bem o dele era de segunda linha? Ostentava índices tão bons em tanta coisa. Muitos, aliás, acima da média. Por que logo o principal tinha de se mostrar tão raquítico? Até pensou em contra-argumentar. Doutor Fábio, será que não foi só uma safra ruim? Isso acontece com os melhores vinhos; às vezes, dá um azar e a colheita não é boa, mas não quer dizer que seja a regra. Talvez a culpa seja daquela sala de “coleta de material” decorada com painéis soft porn de banco de imagens, não? Eu poderia tentar do meu jeito e, quem sabe, revelar as grandes safras que frutificam desta exuberante vinícola aqui e... Mas não abriu a boca, seguiu balançando a cabeça amuado, enquanto o doutor Fábio detalhava os números que comprovavam sua baixa produtividade. Tudo bem. Tudo bem sim, doutor Fábio, tudo bem. Entendi. Vivo no século vinte e um e, com uma perna apoiada na medicina de ponta e outra no saldo do fundo Multimercados que acumulei por uns bons anos para dar uma subida no padrão do carro, escaparei da condenação imposta por meu índice abaixo da média.

O xerox continuava a serpentear no monitor. A mão de Bia esmagava a dele cada vez mais forte, cada vez mais escorregadia pelo crescente suor. Ele, quieto, franzia o olhar simulando compreender todos os passos daquela busca pelo ponto preto. Ou branco.

“Aqui! Aqui! Aqui!” Num salto, a médica levou o dedo a um ponto na tela. “Aqui! Aqui! Aqui! E aqui também! São dois! Dois! Dois!” Ele olhou, não viu nada. Mas não precisava. Ele ouviu, ele acreditou. Bia explodiu em lágrimas, certamente há muito guardadas. Encantado, ele sorriu para ela com a certeza de que nunca, nunca, pelo resto de seus dias, iria se esquecer daquele choro. E pensou em como a vida, às vezes, parecia fazer certas coisas de propósito. Bem quando estavam prestes a jogar a toalha, vinham logo dois. Alargou o sorriso e concluiu: era para ser.

Dois. Uma semana depois, no exame seguinte, ambos ainda estavam lá, conforme comprovavam os sons regulares que a médica, num misto de empolgação e enterneциamento, explicou serem as batidas de seus corações. “Coraçõezinhos”, foi a palavra. Coraçõezinhos.

*

8 de abril de 1896

Estou sozinho em casa. O sol se pôs, o silêncio e a escuridão se ergueram. Foi um lindo dia de primavera, com os botões se abrindo, os pássaros cantando e o sol brilhando. “Estou vivo”, digo a mim mesmo. “Estou vivo, e devo morrer.” Imenso é esse mistério. Eu inclino minha cabeça para assistir às nuvens se agruparem no céu e a luz se apagar. Estou vivo, e devo morrer.

Estou sozinho. Ansiei por estar sozinho — para sentir que eu estava vivo; e saber que devo morrer.

Tenho estado muito feliz, pois os dias e as noites têm sido os mais bonitos. Oh, o mais belo mundo; verão e primavera; inverno e outono; céus radiantes e a mortalha da noite; o que todos vocês significam? O que são vocês? E o que sou eu? Como nos perdemos em distrações efêmeras! É bom, às vezes, pararmos tudo, mirarmos a vida face a face e perguntarmos: O que é você, afinal? Nenhuma resposta. Nenhuma. Mas, por enquanto, a emoção da pergunta é resposta suficiente.

*

Desde que começara a se desviar das avenidas e dirigir até o trabalho por vias secundárias para escapar do trânsito — atitude idêntica à de outras centenas de carros, acarretando que, além de ninguém escapar do trânsito, a feiura das grandes avenidas se irradiava para ruas até há pouco bastante agradáveis —, ele passava todos os dias em frente a uma casa térrea antiga. Anos 50 ou 60, chutava. Se o muro baixo sinalizava que provavelmente o morador se mudara para lá havia décadas (pois, hoje em dia, uma das primeiras “melhorias” do novo proprietário de uma casa é erguer um muro digno de castelo medieval), ela parecia viva e muito bem cuidada. O canjicado exibia o tom claro de uma manutenção periódica; a porta de vidro da varanda revelava um ambiente interno asseado, com cadeiras de vime distribuídas ao lado de mesas laterais com pequenos vasos floridos. Mas, acima de tudo, era o delicado jardim que preenchia o recuo da calçada o que mais o encantava.

Certa manhã, o trânsito empacou bem em frente à tal casa e ele tomou um susto ao dar com um anúncio de “Vende-se” fincado na grama. E se ele comprasse aquela casa? Não tinha o dinheiro, claro. Mas e se ele comprasse aquela casa? Adicionou à sua rotina diária, então, uma série de fantasias sobre tudo o que nela viveria. O jardim, as brincadeiras com os filhos num fim de semana ensolarado... Não que ele tivesse filhos nem muita experiência em “brincar no jardim”. Não tinha nenhuma. Porém, talvez por isso mesmo, a imagem se cristalizou em sua mente com tanta força; como se condensasse, sozinha, todos os seus desejos — tanto os realizáveis quanto os utópicos (mesmo porque quem sabe distinguir uns dos outros em si mesmo?). Daquele dia em diante, bastava

avistar a placa “Vende-se” para ter início a projeção de uma sequência de cenas que retratavam uma existência idílica, na qual aquela casa era a sua casa, aquelas crianças brincando eram seus filhos, aquele jardim era o seu jardim; aquele sorriso radiante era o seu sorriso. Imagens, aliás, cuja fonte era certamente algum filme, novela ou propaganda na TV. Porque “brincar no jardim de casa com as crianças num dia ensolarado” nem ele, nem ninguém vê por aqui não.

*

6 de agosto de 1896

Estou na cama, acabei de tomar café da manhã na cama — é meu descanso de domingo. A janela está aberta e por ela ouço um distante pintarroxo cantando sua bela canção outonal. Bem próximo, observo e escuto o álamo se mover ao vento. Estou lendo a Lógica, de Sigwart — os capítulos introdutórios. Cheguei a ela pela Filosofia da História, de Hegel, A vida de Hegel, de Caird, e Fundamentos da Lógica, de Bosanquet. Eu estava na Biblioteca de Londres, certo dia, e sobre a mesa vi a obra de Sigwart. Pouco depois, o encontrei novamente, mencionado no prefácio de Bosanquet. Então, levei ambos, Sigwart e Bosanquet, comigo para casa.

Ontem — sábado —, Annie, Jane Raven e eu fomos juntos à National Gallery. Antes, entrei pela primeira vez na National Portrait Gallery. Enquanto passava de sala em sala, de século em século, de rosto em rosto, um pensamento crucial me ocorreu: se essa é a vida e se sua condição é a morte, cada pessoa retratada aqui à minha frente teve de, primeiro, encarar a vida e, depois, a morte. Morte e vida — são esses os dois grandes temas e, se devemos aprender a encarar a vida, igualmente devemos aprender a encarar a morte. Como seria interessante tentar reconstruir a História com base em cada rosto que ali observei!

Somos suscetíveis a enxergarmos a nós mesmos como seres isolados, indivíduos ou individualidades desprendidas; cada um de nós nasce, vive e morre dentro dos limites de si próprio. Mas não é assim. Somos partes de uma totalidade, constituída por todos nós e que morre um pedacinho em cada um de nós. Morrermos é parte de um movimento abrangente. O relógio soa 11 horas. São 11 horas para todos nós. A partir de agora, estaremos avançando simultaneamente para as 12. Mas, antes que o relógio as alcance, talvez milhões de pessoas

tenham morrido e milhões tenham nascido por todo o mundo, enquanto outros milhões irão atravessar até a próxima hora. Porém, assim como no transporte de material sólido num fluxo de corrente, parte da matéria será carregada por uma certa distância, parte por outra; mas tudo será, enfim, depositado. Assim, todos os seres humanos vivos na corrente do Tempo neste instante encontrarão seu momento de depósito; e a próxima hora irá soar, e corrente e hora já não se conhecerão mais. O todo morre na parte e, para que o todo viva, as partes devem morrer. A morte de cada um é uma necessidade cósmica.

*

No sofá de casa, decidiu dar mais uma chance ao ultrasom. Quem sabe se, na versão impressa, as imagens não se arranjariam de forma mais clara e ele conseguiria, afinal, entender alguma coisa? No entanto, mal esticou a cópia do exame mais recente sobre os joelhos, percebeu que não passaria do cabeçalho. Ou melhor: de parte do cabeçalho, já que códigos como “dB/c1” lhe escapavam completamente e sua compreensão alcançava apenas os itens mais simples, como “nome do paciente”, “nome do médico”, “tipo de exame”, “data do exame” e “data prevista para o parto”.

20 de maio.

Estava lá. “Data prevista para o parto: 20 de maio.” Sabia, claro, que àquela altura isso não poderia ser considerado nem como um esboço de previsão; o preenchimento do campo “data prevista para o parto” não passava de mero protocolo para auferir o andamento do processo. Mesmo assim, a data deu um salto para fora da folha e se transformou num enorme letreiro em neon, piscando freneticamente em frente a seus olhos. 20 de maio. 20 de maio. 20 de maio. 20 de maio. Um dia que, até então, nada significara em sua vida. Por décadas, atravessara indiferente um punhado de dias 20 de maio, sem distingui-los dos 19 ou 21 de maio, dos 20 de abril ou de junho. Tudo mudara. A partir daquele instante, o 20 de maio se incluía não apenas em sua lista de dias comemorativos, mas se impunha, com autoridade, como a data mais importante de sua vida. 20 de maio. 20 de maio. 20 de maio. 20 de maio.

*

19 de junho de 1897

Noite passada, para variar um pouco, jantei no Café Royal (Philip Burne-Jones disse que era o único lugar limpo em Londres). Paguei três xelins por um bife de filé! O lugar pode servir para Philip, mas é realmente um pouco “limpo” demais para mim.

Fui visitar a casa em Hammersmith Terrace ontem — anteontem, na verdade — e fiquei bem satisfeito. Uma vida simples pode muito bem ser levada lá — recomeço, área verde e o rio Tâmisa.

Não recebi carta de Dickie esta semana, apenas uma de Annie. Toda noite, quando vou para a cama e as luzes se apagam, digo em voz alta: “Boa noite, Annie. Boa noite, Dickie. Boa noite, Stella”. E rezo para que os ricos sejam um pouco menos ricos; os pobres um pouco menos pobres; e o mundo dos homens um pouco mais belo.

4 de julho de 1897

Durante o dia, estive lendo Início da Idade Média, de Church. Vou preparar um estudo sobre aquela época — o Gótico inglês — com um olhar específico sobre o começo da Igreja e seus monumentos de pedra e carne; seus bons homens, santos e catedrais.

Que espetáculo singular é o homem lutando por ordem, mas enevoando a vida com sua ansiedade sobre o futuro do mundo.

Eu leio, leio, leio e, assim como o Cigano Douto (Matthew Arnold), espero pela fagulha divina que irá me iluminar o todo da História, o todo da vida.

O sol se pôs. O dia cai, escurece. As luzes da ponte de Hammersmith estão acesas; sob elas, a água e profundas colunas de luz laranja, seu reflexo. O ar está cheio de sons que se esvaem, gritos de jovens garotos e garotas. Um cachorro

late. Mas a noite chega cada vez mais firme. Logo, o silêncio reinará absoluto. E este mundo estará adormecido.

Meu Deus, mantenha-me vivo para o mistério da vida.

*

2
OUTUBRO

Não havia pressa. Por outro lado, por que esperar? Para depois ser pego de surpresa? Cometer erros primários? Na vida, é preciso tomar a iniciativa, assumir o comando. Quanto antes começasse a imersão, melhor. Financeiramente, inclusive. Além do mais, todo mergulho num terreno desconhecido exige uma aproximação gradual para que o saber se instale de fato. Para que a informação vá sendo depurada devagar, separe-se o joio do trigo e os conceitos se fixem com clareza e precisão.

Sim, por que esperar? Oito meses não era tanto tempo assim. Decidido, avisou Bia que sairia para dar uma volta e caminhou até a Alô Bebê que ficava a alguns quarteirões de sua casa. A loja, onde certamente encontraria a maioria dos apetrechos necessários a seus futuros rebentos, surgia como o lugar ideal para inaugurar seu novo status.

Logo na entrada, deu com uns quinze carrinhos de bebê enfileirados lado a lado. Mesmo uma assumida nulidade no universo infantil sabia que o item figurava na lista dos imprescindíveis. E ele precisaria de um modelo especial, para dois ocupantes. Ou de duas unidades individuais. Ou um em estilo beliche. Ou... A maneira lógica e fácil de liquidar essa dúvida — perguntar a um dos vendedores — foi de pronto descartada. Vendedores são seres grudentos, e bastava uma pequena brecha para que o infeliz colasse nele durante toda a sua estadia na loja, tentando empurrar as mais variadas tranqueiras, seguindo-o como uma sombra e transformando um momento destinado à diversão e ao aprendizado num torturante festival de “não, obrigado”. Além do mais, carrinhos de bebê não deviam ser assunto dos mais complexos; uma rápida passada pelas fichas de cada modelo forneceria informação suficiente para que ele adquirisse uma noção básica de

vantagens e desvantagens e, a partir daí, começasse a elaborar algo voltado à sua necessidade particular. Portanto, em frente! Inflou-se com ares de expert, mirou os próprios sapatos para driblar qualquer contato visual e pisou firme até a etiqueta plástica pendurada no primeiro carrinho. Travel System Full Black Safety 1st. O susto o fez saltar para o modelo ao lado. Travel System Full Black Safety 1st Moby TS. Mesmo não esperando topar com nenhum tipo específico de texto descritivo — na verdade, nem pensara no assunto —, com certeza não previa encontrar aquilo. Gastou alguns segundos imóvel, sem reação, até concluir que, se sua expectativa estava defasada e ele imaginara definições semelhantes a “carrinho grande e acolchoado com roda de alumínio” em vez de Travel Black System Full Flex Turbo Jet, era melhor não demonstrar. Nunca é bom negócio revelar que se está obsoleto. Nunca. Começou, então, a coçar o queixo e apertar os olhos em sinal de profunda análise. Algum raciocínio, alguma conclusão haveria de brotar. Mas pulava a cabeça de um carrinho para o outro e nada: ambos continuavam parecendo idênticos. Releu as fichas. Travel System Full Black Safety 1st; Travel System Full Black Safety 1st Moby TS. Primeira dedução: ambos eram Travel System Full Black Safety 1st. Segunda: um vinha com Moby TS, o outro não. O que, considerando a razoável diferença no preço, deveria ser algo importante. O nome dos modelos oferecia a possibilidade de uma tradução literal do inglês, e isso talvez ajudasse a dissolver a nuvem de mistério. “Travel System”, Sistema de Viagem. “Full Black”, Todo Preto. “Safety 1st”, Segurança em Primeiro Lugar. (Ou será que era “Safety”, Segurança e “1st”, Primeira Classe?) Juntando tudo, um Sistema de Viagem Todo Preto Segurança em Primeiro Lugar. Ou Sistema

de Viagem Todo Preto Segurança Primeira Classe. Fosse qual fosse o caso, ainda não esclarecia porra nenhuma. E Moby TS? O que cacete queria dizer Moby TS? Poderia ser, por exemplo... Top Show? The Star? Total Super? De novo, nenhuma das hipóteses significava nada. Mas, pelo visto — resmungava mal-humorado para si mesmo —, isso não parecia ser um problema. Após arriscar mais algumas composições para o Moby TS (Moby Tem Suporte, Moby Tudo Sim), desistiu e rumou para o terceiro carrinho. Lite Way Top2 Legend. Ao lado dele, um modelo com o logotipo Mini exibia uma enorme Union Jack em toda a sua cobertura. O carrinho a seguir ostentava a marca McLaren. E a esperada conclusão, enfim, brotou: que tal uma arejada na seção de brinquedos?

Os corredores estavam cheios, revelando que um passeio pela Alô Bebê talvez estivesse entre os programas favoritos dos sábados daquele monte de casais que, em tese, eram ainda jovens. Ele reparou que tanto os pais que andavam acompanhados de seus pimpolhos quanto aqueles cuja mulher exibia um barrigão andavam orgulhosos, exalando um estranho ar de superioridade e completude. Fazia parte do protocolo? Será que a paternidade lhes outorgava a chancela de “ser humano versão plena”? Será que ele deveria também estufar o peito? “Sou pai, o ápice da experiência humana! Por isso, caminho, aos sábados de manhã, todo orgulhoso, pelos corredores da Alô Bebê. À tarde, exibirei essa mesma altivez nos corredores do shopping.”

A seção de brinquedos era grande. Muito, muito grande. Disfarçadamente, pensou que “no seu tempo” não existia tanta variedade. (A observação, porém, beirava o senso comum: tudo, hoje, exagera na oferta de produtos. Até mesmo movimentos anticonsumo exibem uma

ampla gama de opções para que seus anticonsumidores escolham a vertente que mais lhes agrade anticonsumir.)

Mesmo porque não havia pressa. Ainda tinha quase oito longos meses para, na tranquilidade de seu laptop, pesquisar se valia a pena gastar duzentos reais a mais para adicionar um Moby TS a seu Travel System Full Black Safety 1st; checar se carrinhos de bebê com a bandeira da Inglaterra no teto ajudam a formar um bebê mais globalizado e estiloso; se um McLaren arrasa nas ultrapassagens no parquinho e, principalmente, descobrir quais brinquedos infantis não incluem a versão instrumental de *A Pipa do Vovô Não Sobe Mais*.

*

21 de agosto de 1897

Um céu limpo, ensolarado. Um sol poente salpicando o alto da ponte com brilhos dourados, um vento soprando fresco pelas árvores... E eu balanço minha cabeça em infinita tristeza enquanto o passado ressurge numa desolada procissão. Meus pais que partiram — mortos, surdos ao meu chamado por todo o tempo que me resta.

Estive organizando meus “ideais de ofício” para escrevê-los num livro para meus filhos — sim, meus amores, para vocês. Assim que terminei, peguei um de meus primeiros diários sobreviventes para também transcrevê-lo, novamente para meus filhos. Mas sua leitura trouxe lágrimas, lágrimas ardentes de dentro dos meus olhos... e, apesar disso, o sol ainda brilha neste dia distante. Seguirá brilhando ainda por muito tempo, e com crescente luz?

Sentado em minha mesa, defronte ao abajur, estou cercado por mosquitos; a maioria deles jovens coisinhas verdes que fazem um barulho esquisito em contato com meus papéis. Muitos deles morrem no próprio abajur. Outros mato eu, por achar suas vidas deslocadas aqui, neste lugar. Lá fora, o vento repreende as árvores, que sussurram, desconsoladas, sob suas chicotadas. A noite está muito escura, e toda a alegria parece ter se esvaidado das luzes na ponte e de suas baças, largas sombras abaixo. Uma noite em que se pensa com inquietação naqueles que estão ao mar ou montando guarda em lugares desolados e expostos.

*

Já se preparava para anunciar a novidade aos quatro ventos quando foi repreendido por Bia. Todo mundo — menos ele — sabe que isso só se faz após o ultrassom morfológico. Exame que todo mundo — menos ele — sabe ser realizado apenas com treze semanas de gestação. Dali a cinco semanas, portanto. Ele que recolhesse as trombetas e aguardasse, quietinho, mais um pouco.

Decidiu, então, aproveitar esse tempo de espera para caprichar no planejamento dos anúncios. Ao pai, que faria aniversário dias após o exame, ensaiou chegar sem nada nas mãos e, diante do inevitável “cadê meu presente?”, sorrir respondendo que trouxera não um, mas dois presentes. O recurso, aliás, revelou-se seu favorito. Para o pessoal do escritório, imaginou algo similar na churrascaria reservada aos almoços de aniversário e demais comemorações. Ao propor um brinde, fingiria corrigir a si próprio. “Um brinde? Não! Dois brindes! Afinal, tenho duas grandes novidades!” E assim seguiu adiante, aplicando o mesmo enredo a todos os personagens de seu círculo social, sempre elaborando um início sob medida para desaguar no refrão das “duas novidades”, “duas surpresas”, “dois presentes”.

E o dia 20 de maio, então? Como seria? Emocionante, com certeza. Ultraemocionante. Mas emocionante como? Choraria? Teria um ataque de riso? As lágrimas sairiam naturalmente ou precisaria forçar um pouco para agir de acordo com o protocolo da ocasião? Imaginou-se saindo da sala de parto para contar as boas notícias (duas boas notícias!) aos familiares que aguardavam sentados, na área de espera. Ele estaria vestindo uma daquelas toucas médicas e... Não, não conseguia imaginar nenhuma cena estrelada por ele próprio usando touca. Reformulou: imaginou-se

saindo da sala de parto, jogando a touca médica no lixo e correndo para contar as novidades. As versões do episódio que concebeu variavam: ora todos choravam, ora todos riam, ora ele ria e os outros choravam. Sentados, de pé ou pulando. Um único ponto, porém, mantinha-se inalterado: fosse qual fosse a alternativa, não havia nenhuma touca em cena.

*

26 de setembro de 1897. Domingo de manhã

Tudo tão quieto. 26 de setembro, 1898, 1899, 1900. Ano após ano, no caminho para a eternidade: como deverei atravessar cada um deles? Qual será aquele que estas mãos e olhos e pés não atravessarão? Qual será o ano diante do qual Annie irá se deitar e descansar? E Dickie? E Stella? Pensamento patético. Ó humanidade, marchando em frente; a quais distâncias e tempos estaremos individualmente atrelados? Sol, lua e estrelas: quais serão os seus? “Rico na simples adoração do dia.” Essa atitude de adoração, de devoção — anotem-na, meus filhos queridos.

E isso irá me trazer de volta a Marius. Mas, antes de mudar de assunto, deixem-me narrar, em prosa coloquial, o vale de coisas mortas através do qual nós passamos em nosso caminho para a morte... Não... Seria muito difícil fazê-lo agora; devo mudar de assunto.

O tordo ainda está no jardim, a cantar sua doce canção de outono. Foram o tordo e a beleza da manhã de ontem que me fizeram voltar a Keats, à sua grande ode Outono. E agora a Marius. Eu quero transcrever a passagem sobre “devoção”, essa grande criação conjunta do espírito humano engendrada pelas gerações passadas e que, até hoje, é cantada e propagada, soprada por obra de um vivo arfar, enquanto o passado surge, para, segue em frente. Em frente? E... expirar?

*

Pelas redes sociais, soube que sua turma do colégio organizava um reencontro — “2.0 Balada incrível open bar finger food dj show galeraaaaaaa!” — para dali a um mês, celebrando os vinte anos de formatura. Mesmo sem a menor intenção de comparecer, já que não cultivara laços nem boas lembranças dos tempos de escola, recebeu parecer mal-educado ou ressentido e manteve-se em todos os grupos criados para o planejamento da grande festa. Logo, como era de esperar, veio a enxurrada de emoticons e outras tralhas. Em meio aos corações, sorrisos e gritos de “que saudade” com vinte pontos de exclamação, surgiram também as primeiras autobiografias. De início, esparsas. Hoje uma, amanhã outra. Rapidamente, porém, a epidemia se alastrou e parecia que todos tinham sentido uma irresistível compulsão para elaborar sua versão particular de “por onde andei durante esse tempo todo”. Mesmo que, no fundo, ninguém tivesse perguntado.

Desde o princípio, aquilo o incomodou, mas achou que a irritação não passava de pura implicância com um conjunto de pessoas se derretendo por uma época que não lhe era das mais caras. Contudo, à medida que as histórias proliferavam, notou que a ranhetice podia, sim, ser responsável por parte do desconforto, mas este também derivava dos relatos em si. Porque todos, absolutamente todos, obedeciam a uma estrutura não apenas esquemática, mas idêntica: após o último capítulo compartilhado pelo grupo ali reunido — a saída do colégio —, o autobiografado contava como buscara, com dedicada paixão e autêntico interesse, trilhar seu caminho profissional. A grande maioria, escolhera fazer faculdade “daquilo que sonhara”, na instituição que escolhera. Nenhum “fiz Direito porque me obrigaram”; “não sabia o que prestar,

caí na arquitetura”, “virei garçom por absoluta falta de opção” ou “acabei conseguindo passar só numa faculdade caça-níqueis”. Nenhum. As raras exceções que fugiam do roteiro principal não alteravam sua essência: não tinham feito faculdade, mas apenas porque sua vocação não estava nas cátedras. Logo, também atenderam ao chamado. Escolheram fazer “aquilo que sonharam”, no lugar e do jeito que quiseram.

Uma vez encaminhados profissionalmente para uma vida de realizações genuínas e bem remuneradas, todos partiam, organizadinhos em fila, para o segundo parágrafo: o amor. Que, mais uma vez, desembocava em sucesso. O que, via de regra, era sinônimo de filhos, indiscutíveis no posto de verdadeiro sentido da vida. Preenchendo as linhas restantes, nome, idade e longas descrições pormenorizadas de atributos e temperamentos de cada um daqueles tesouros fofuchinhos. Os poucos que não geraram herdeiros lançavam mão de seus sobrinhos, tão amados quanto. Ou de suas viagens, tão amadas quanto.

Até aí, o sol brilhava e todos os gramados se estendiam verdes e aparados. Porém, apesar de breves, as narrativas não poderiam arriscar o pecado mortal de parecerem simples tentativas dissimuladas de se contar vantagem, de exibir seus grandes sucessos aos antigos colegas. Hora, então, de inserir uma passagem comovente, um dramático obstáculo: após o sucesso numa profissão que tinham escolhido e o encontro do amor pleno na família, eles abriam o coração para revelar uma situação difícil. A separação. Uma doença. O filho deficiente. A morte da mãe. Cada um pinçava aquele que, dentre todos os seus maus momentos, parecia ser o mais adequado para tocar a audiência. Não que não fossem doloridos —

o eram (mesmo porque quem pode decidir o que dói ou não no outro?). O problema não era esse. Mas sim, novamente, que todas as histórias se situavam num ponto similar: tanto longe de se mostrarem como algo capaz de assustar os ex-colegas (“já são quinze anos de alcoolismo”, “ganhei dinheiro passando a perna nos outros”, “a pornografia infantil destruiu minha vida”) quanto a salvo de não se exibirem como uma tristeza “grande” o suficiente para despertar compaixão nos ouvintes, como muitas vezes ocorre com algumas de nossas dores mais agudas, nunca externadas, pois, aos olhos do resto, seriam desprezadas como bobaginhas sem importância. Em todas as autobiografias, o sofrimento parecia dosado com precisão: uma grave perda, a plateia haveria de concordar, mas nada que passasse perto de tachar seu autor de pária esquisitão.

Por fim, a conclusão. Hora de encerrar glorificando, em uníssono, a triunfante mensagem: superação. Sim, enfrentei dificuldades. Mas as derrotei e, hoje, elas ficaram para trás. Sou plenamente realizado. Sou quem escolhi ser. Faço o que gosto e vivo rodeado de amor. Mas não foi fácil! Houve percalços, só conquistei tudo o que conquistei porque sou um lutador. Senão, não teria nada. Nada! Nem mesmo a empresa que herdei de papai! Vai ser ótimo reencontrar vocês para poder contar mais, mais, mais, ainda mais. E dançar aquelas incríveis músicas dos anos 80. E beber caipirinhas de saquê com lichia. E nos esbaldarmos com finger food.

Subiam, então, as plaquinhas de final feliz. Nenhuma autobiografia terminava com “em resumo, me fodi”; “se arrependimento matasse...”; “ah se eu soubesse que a vida era esta merda...”, “por que não ensinaram no colégio que

nada disso tinha sentido, caralho?”. Nenhuma. Ele, então, deduziu que, ou estava diante do maior milagre estatístico da história da humanidade, ou não poderia culpar apenas seu azedume pelo mau humor com o qual lia aquela série de depoimentos.

Será que ele deveria também redigir e compartilhar a sua biografia? Segundo o processo utilizado pelos colegas, seria bem rápido de escrever. E, pra facilitar ainda mais a tarefa, ele acabara de ganhar o seu final redentor. Os seus dois finais. O grande desfecho, o tiro certeiro para cair no agrado geral. Sim, enfrentei dificuldades. Mas as derrotei e, hoje, elas ficaram para trás. Sou plenamente realizado. Sou quem escolhi ser. Faço o que gosto e vivo rodeado de amor. Rodeado em dobro... A ideia, de início cunhada apenas como uma silenciosa piada para si próprio, num instante se transformou em algo indigesto, sem a menor graça. A própria existência resumida à busca pelo agrado geral. Aquilo passava longe de um grande desfecho. Aliás, talvez não desse nem para classificar como desfecho. Simples amontoado de clichês genéricos, de adequações a papéis sociais. Não caíra ele também na mesma vala? A vida como um mero passar de bastão, entremeada por uma viagenzinha a Nova York aqui, umas férias num resort ali — que “grandes conquistas”! —, além de um punhado de sexo, bebida, comida e entretenimento — os quatro, quase sempre, de qualidade mediana. Se houvesse alguma espécie de “grande desfecho” no mundo, ele deveria se encontrar bem longe daquilo. Bem, bem longe. Próximo ao que, por exemplo, Thomas James Cobden-Sanderson escolhera para si. Tornar sua vida, de fato, sua vida. Você fez e, sem você, não será mais feito. Ao menos não do jeito que você fez. O seu desenho, parte de um todo, mas come-

çado e terminado por você. Se considerado bonito ou feio, foda-se.

Tentou pensar noutra coisa. Sabia que sua trajetória em nada se assemelhava à de Cobden-Sanderson. Ainda no último ano da faculdade de psicologia, arranjou alguns bicos com pesquisa de mercado que pagavam bem demais, e por lá ficou. Especializou-se no que chamavam de “painéis etnográficos”, o mapeamento de imagens que revelavam alguma tendência de comportamento, vendidos a multinacionais para que estas incrementassem seus produtos e números. De cargo em cargo, sem saber muito bem como, terminou no comercial. “Novos negócios”, para soar menos bronco. Ele levava jeito para a coisa e, como quem vende sabe que pouco importa o que se vende, começou a mudar de emprego sem atentar muito para onde ia, seduzido exclusivamente pelas ofertas de maiores comissões. Porém, talvez para evitar assumir que sua vida era guiada só por grana, sempre que começava a trabalhar num determinado segmento, passava também a estudar algum assunto pertencente àquele universo específico — por mais superficial que fosse o vínculo —, situado na ponta oposta: em vez de números, faturamento e público-alvo, um tema no qual os mais nobres ideais da área pareciam ter florescido. Assim, iludia-se com a impressão de que cada mudança não ocorreria apenas pelo impulso no cheque mensal, mas também como parte de sua busca pela aquisição de vasto cabedal de cultura e conhecimento. Inaugurou esse equilíbrio fictício quando, diretor numa empresa de revestimentos para banheiro, tornou-se expert em azulejos de Delft. Foi assim também com o brutalismo paulista na incorporadora especializada em prédios neoclássicos; com Heinrich Schütz e a música

barroca na fábrica de alto-falantes e, ao começar na editora de livros de autoajuda, três anos atrás, com Thomas James Cobden-Sanderson.

*

29 de novembro de 1898

Alimente a cabeça com objetos de beleza; mas confie na mente para inventá-los. Não imite conscientemente.

Nós somos os homens da Idade Média e de todas as outras eras, mas nosso contexto, atual e acumulado, é diferente; e, em consequência, nossas “criações” assumem outra forma. Forçar a nós mesmos nas formas de outros tempos é nos prejudicarmos; é sermos inúteis para nosso próprio tempo. Os homens autênticos de todas as eras sempre mantiveram seus olhos bem abertos, observando tudo o que podiam. Homens de hoje que tocam as formas de outros tempos têm seus olhos total ou parcialmente fechados, voluntariamente ignorando que homens autênticos se esforçam ao máximo para ver e entender.

11 de dezembro de 1898

Eu devo, antes de morrer, criar o modelo contemporâneo do “Belo Livro”, atualizá-lo — papel, tinta, escrita, impressão, decoração e encadernação.

Vou aprender a escrever, imprimir e decorar.

Aprender a dizer “não” a assuntos bons em si, mas que podem ser feitos por outros e irão apenas me distrair, como os problemas da industrialização, as eleições locais etc. Será suficiente se eu apoiar, manifestar-me e votar do lado certo (ou, ao menos, aquele que suponho ser o lado certo) sem causar perdas ao meu supremo (ainda que limitado) assunto.

E, acima de tudo, viver habitualmente no plano superior, acima da inveja, acima da competição, acima do sucesso imediato. Abandonar o “mundo” e aspirar a uma eterna existência superior. Encadernar os mais belos (tanto em espírito quanto em forma) livros que alguém há de encontrar, e abandonar todo o resto; e na encadernação e na decoração

almejar a expansão do espírito e seu triunfo sobre a vida inferior.

E, por todos os lugares, por todos os lados, alimentar o que há de mais elevado em mim próprio e nos outros.

Abandonar o “mundo”?

O BELO LIVRO

INGLATERRA E A HISTÓRIA DA INGLATERRA

ARQUITETURA

O COSMOS

*Arte não é senão o dever de todos os homens,
levado a um estágio além,
até a beleza.*

*

“Nada poderia ter sido melhor do que a conferência do Sr. Emery Walker sobre Letterpress, Gráfica e Ilustração, proferida ontem. Uma série dos mais interessantes exemplares de livros antigos, impressos e manuscritos, foi mostrada pela lanterna mágica, e as explicações do Sr. Walker foram tão claras e simples quanto suas ideias se mostraram admiráveis. Ele começou por explicar os diferentes tipos de desenho de fontes e seu modo de produção. Também mostrou exemplares de antigos blocos de impressão que precederam os tipos móveis e que ainda são usados na China. Apontou para a conexão íntima entre impressão e escrita manual – enquanto esta última exibia qualidade, os impressores possuíam um modelo vivo para seguir; porém, com seu declínio, a impressão também decaiu. Walker mostrou, lado a lado, uma página da Bíblia de Gutenberg (o primeiro livro impresso – datado próximo de 1450-5) e um manuscrito de Columella; um impresso de Tito Lívio, de 1469, com as iniciais manuscritas, e um alfarrábio das *Histórias de Pompeu*, por Justino, de 1451, destacado por ele como um exemplo das origens do tipo Romano. A semelhança entre os manuscritos e os livros impressos era muito curiosa e sugestiva.”

Assim começa a resenha escrita por Oscar Wilde e publicada na *Pall Mall Gazette*, em 16 de novembro de 1888, sobre a palestra dada por Emery Walker na Exposição da Sociedade de Arts and Crafts. A Sociedade fora fundada um ano antes para divulgar as ideias do movimento homônimo – movimento cujo batismo, aliás, deu-se de modo tardio: inicialmente, o grupo se reunira sob a genérica alcunha de “artes combinadas” até que, numa de suas reuniões, um de seus membros – o encadernador de livros Thomas James Cobden-Sanderson –, sugeriu adotarem

Arts and Crafts. Com isso, um movimento que já vinha em constante marcha havia alguns anos ganhou o nome pelo qual até hoje é conhecido.

O fato de seu berço ter sido a Inglaterra passa longe do acaso. Muito mais do que um movimento calcado em pilares estéticos, o Arts and Crafts se apresentava como um arcabouço de princípios ideológicos em contraposição aos devastadores efeitos colaterais da industrialização que transformava o país durante o século XIX. Para se apreender a gravidade do quadro completo, dois exemplos hão de bastar: apenas em 1833 estabeleceu-se o limite de oito horas diárias de trabalho – limite válido para as crianças entre nove e treze anos – e, em 1851, a expectativa média de vida para a classe operária de Manchester era de dezessete anos. Nada surpreendente, portanto, que, em paralelo aos propalados benefícios do dito progresso, a produção em massa também começasse a ser associada à desumanização, bem como o produto que ela cuspiu das fábricas à materialização dessa degradação em forma de feitura. Bebendo num passado idealizado do folclore inglês e da Idade Média, com suas guildas e artesãos, os partidários das “Artes e Ofícios” pregavam um retorno à valorização da manufatura, ao homem por trás do objeto – inclusive em suas condições de trabalho. Enalteciam o processo de produção, defendiam a beleza não como ornamento fátil ou vazio, mas como expressão da verdade. A verdade de seus materiais e execução. A verdade de sua identidade cultural particular.

Se não é difícil imaginar o quanto a crítica aos malefícios da sociedade industrial aproximava o Arts and Crafts de outro movimento que efervescia no mesmo período por razões similares, o socialismo, é curioso notar que

um segundo — e não menos importante — impulso para seu êxito veio da ponta oposta. No mesmo 1851 em que os pobres de Manchester não passavam da adolescência, era erguido no Hyde Park, em Londres, o suntuoso Palácio de Cristal, para sediar a Great Exhibition of the Works of Industry of All Nations, ou apenas Great Exhibition, como ficou conhecido o evento organizado, entre outros, pelo príncipe Albert em pessoa. O objetivo manifesto da mostra era o de reunir a mais avançada produção industrial do mundo e louvar aqueles tempos tão auspiciosos para a humanidade, mas não há como negar que ela também intencionava deixar bem claro quem estava no comando da locomotiva. Porém, se o evento em si foi um estrondoso sucesso, o mesmo não se pode dizer do produto inglês. Mesmo com condições tão favoráveis para seu desenvolvimento, ele se mostrava inferior, em aspectos tangíveis e intangíveis, a itens provenientes de outras nações; e, no fim, todos — inclusive os organizadores — terminaram por partilhar da opinião do arquiteto e crítico Owen Jones: o design britânico oferecia apenas “novidade sem beleza, ou beleza sem inteligência”. Tamanha frustração gerou um afluxo de investimentos na reversão desse quadro a médio prazo, como a abertura de escolas e museus (inclusive o que hoje se chama Victoria & Albert). E, ironicamente, tais iniciativas prepararam o ambiente necessário para o florescimento do Arts and Crafts.

Do Reino Unido, o movimento se espalhou por outros países da Europa e pelos Estados Unidos, com diversos graus de intensidade e originalidade local. No entanto, a insustentabilidade de sua base fundamental — a negação da indústria — logo tornou-o obsoleto, com seu idílio medieval esmagado pelo horror da Primeira Guerra e sua frá-

gil teoria solapada pelo modernismo, que, ao seguir na direção contrária e abraçar as máquinas, definiu o caminho a ser percorrido pelo século XX. A ruptura, contudo, não é tão profunda quanto se costuma avaliar: alguns membros fundadores da Deutscher Werkbund são oriundos do Arts and Crafts alemão. E a associação foi uma espécie de gênese da escola mãe do modernismo, a Bauhaus.

O crítico John Ruskin e o pintor Walter Crane são, com frequência, apontados como nomes fundamentais para o estabelecimento das bases do Arts and Crafts, mas é consenso que seu mais emblemático representante foi William Morris. Nascido em 1834, Morris elevou o termo “multiartista” a um inatingível patamar. Poeta, tradutor e autor de romances de fantasia, em 1861, ao lado de alguns de seus colegas pré-rafaelitas de Oxford, como o inseparável Edward Burne-Jones, o exímio desenhista de ornamentos e padrões gráficos fundou uma empresa de artes decorativas — mosaicos de vidro, móveis, papéis de parede, tapeçarias e tecidos estampados —, que, anos depois, assumiria sozinho. A Morris & Co. não apenas foi um grande sucesso comercial, mas, ao reunir atribuições artísticas e operacionais na mesma pessoa, a de seu proprietário, fez com que Morris antecipasse, em décadas, a figura do designer, que a segunda metade do século XX reconheceria (e admiraria). Como se não bastasse, em 1877, Morris também fundou uma das primeiras sociedades destinadas à proteção do patrimônio arquitetônico, a Society for the Protection of Ancient Buildings e, ferrenho socialista, teve destacada atuação em movimentos coletivos. De temperamento explosivo, era famoso por seus rompantes de raiva, despejando frases e atitudes à primeira vista incoerentes, mas que, no fundo, revelavam alguém cujo

gosto pela polêmica fazia parte do processo de manutenção das ideias em movimento. A poucas pessoas o epíteto de “força da natureza” poderia ser tão bem aplicado quanto àquele gordinho barbudo que, apesar da índole pouco dócil, parecia emanar um irresistível poder catalisador. E, mesmo arriscado, não seria um completo disparate afirmar que, no fim, Morris foi maior do que o movimento Arts and Crafts em si.

Naquela noite de 1888, enquanto um nervoso Emery Walker tentava superar a timidez para discorrer sobre a beleza dos primeiros livros impressos, Oscar Wilde não era a única personalidade na plateia: William Morris também estava lá e, profundamente impressionado com o que ouviu, logo decidiu que todo o currículo do parágrafo acima não era suficiente. Chegara a hora de editar livros e viver o que chamou de “sua aventura tipográfica”. Criou, então, aquela que é considerada a pedra fundamental do movimento de *Private Presses* britânicas, a Kelmscott Press.

Traduzido, o título perde um pouco de sua completude — *Press*, por exemplo, é tanto “Gráfica” quanto “Editora”. Porém, mesmo se mantido grafado no idioma nativo, a delimitação precisa do que constitui uma *Private Press* nunca atingiu consenso. No máximo, concorda-se que ela define alguém que imprime, por conta própria, aquilo que quer — pouco importando os resultados de venda, a recepção do público ou qualquer outro parâmetro normalmente vinculado à produção dita comercial de livros. Há quem acrescente a necessidade de a produção ser artesanal, ou de que o editor seja também o impressor, mas outros consideram esses e demais pré-requisitos um purismo exagerado. Ao criar a Kelmscott Press, contudo, Morris não

“inventou” o conceito de *Private Press*. Quase cinco décadas antes, por exemplo, Charles Henry Olive Daniel fundou, ainda garoto, sua Daniel Press e por anos imprimiu seus livros, resgatando inclusive os célebres tipos Fell, criados em Oxford no século XVII pelo bispo de mesmo nome. A impressão caseira, por mais esquisito que pareça, chegou a ser considerada um hobby familiar na Inglaterra da segunda metade do século XIX, com seu auge entre 1875 e 1885 (quando decaiu, afirmam alguns, por culpa da popularização da fotografia); e não é difícil encontrar ilustrações nas quais uma feliz família de classe média inglesa (“feliz” para os padrões vitorianos da época) reúne-se ao redor da máquina de letterpress que tem no meio da sala para produzir impressos: o pai examina um maço de páginas soltas, a mãe compõe os tipos de metal na rama e a garotinha leva o papel a seu irmão mais velho, que, sorrindo, prepara-se para puxar a alavanca da prensa.

Mesmo com esses e outros tantos antecedentes, não escapamos de William Morris: sempre que se faz necessário apontar um marco inicial do movimento de *Private Press*, escolhe-se a publicação, em 1891, de *The Story of the Glittering Plain*, escrito pelo próprio e primeiro título editado pela Kelmscott Press com o objetivo de recuperar a beleza do livro, perdida em meio às tiragens cada vez mais apressadas e descuidadas da imprensa regular. Todos os componentes de uma obra — desde a escolha do texto e da fonte tipográfica até a composição dos tipos, papel, tinta, “decoração” e encadernação — deveriam ser planejados e executados manualmente com o máximo de cuidado e excelência para, juntos, produzirem o “livro ideal”. Os mais de cinquenta livros que Morris editaria nos anos seguintes obedeceram, todos, à busca por esse padrão ideal de qua-